

Redação em Gotas

Edição nº 21

Prof.^a Dr.^a Daniela de Freitas Marques

DICA: Os verbos bitransitivos.

Os jornais esquecidos. O “Pão” e “A manha”. Primeira Parte.

O pão à mesa. Um dia de sol, o café quente coado na hora, os sons familiares dos animais, as vozes murmuradas dos pais e os gritos dos irmãos. De norte a sul do país, compartilhamos uma identidade comum: a nossa língua, as nossas peles tocadas pelo sol, um dedicado amor à música (o Brasil não lembraria uma harpa?), um certo gosto pelo improviso e, às vezes, um humor exagerado.

Tão necessário quanto o pão à mesa é o pão do espírito. No Ceará, no dia 30 de maio de 1892, foi criada a *Padaria Espiritual, no café e restaurante Java*. E o pão à mesa era seguido pelo jornal “O Pão”, distribuído nos lares de Fortaleza: Adolfo Caminha, Antônio Bezerra, Antônio Salles. Esses três nomes destacavam-se na irreverência e no culto à língua portuguesa, sem as influências francesas, ao gosto da época:

“ 1 – Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da Terra da Luz, antigo Siará (sic) Grande, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes denominada – Padaria Espiritual, cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios em particular e aos povos em geral”. 2 – A Padaria Espiritual se comporá de um Padeiro-mor (presidente), de dois Forneiros (secretários), de um Gaveta (tesoureiro), de um Guarda-Livros, na acepção intrínseca da palavra (bibliotecário), de um investigador das Coisas e das Gentes, que se chamava – Olho de Providência, e os demais amassadores (sócios). Todos os sócios terão a denominação geral de – Padeiros.”

A canção *Artigo 26* de Ednardo² refere-se aos inimigos naturais dos “padeiros”: o Clero, os Alfaiates e a Polícia. Todas as mulheres, frágeis como eram, mereceriam todo o apoio dos padeiros, exceto as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes. E a liturgia não era menos importante: “*Durante as fornadas, é permitido ter o chapéu na cabeça, exceto quando se falar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar porque, então, todos se descobrirão*”.³

O pão serve-se durante as manhãs orvalhadas do pejo da noite e abertas ao estuante sol. No Rio de Janeiro, décadas depois, em 13 de maio de 1926, a figura inesquecível de Apparício Torelly, o “Barão de Itararé”, funda o melhor semanário de humor brasileiro: “A manha”, parodiando o famoso jornal “A manhã”. Suas máximas tornaram-no famoso: “*As duas cobras que estão no anel do médico significam que o médico cobra duas vezes, isto é, se cura, cobra, e se mata, cobra.*” ou “*Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados*”.⁴

O semanário “A manha” contou com o dístico: “Quem chora, não mama” e com os desenhos de Max Yantok, filho de um imigrante italiano e uma índia brasileira, vivera em Nápoles, onde emprestara seu piano a um amigo carroceiro que fazia aulas de canto, Enriquello, conhecido depois como **Enrico Caruso**. Era modesta a proposta do “nosso querido diretor”, “A manha” apresentava-se como um órgão de ataques... de riso; Diretor-Proprietário: Apporelly; Expediente: não tem. Jornal sério não vive de expediente.⁵

De circulação incerta, ferino nas críticas, inimigo declarado do fascismo e conseqüentemente do movimento integralista brasileiro, comandado por Plínio Salgado, com o lema “*Deus, Pátria e Família*”, nas páginas de “A manha”, o lema passou a ser “*Adeus, Pátria e Família*”. Em dezembro de 1935, é preso.⁶

Sabemos que o pão e as manhãs são os arautos da liberdade e que os jornais precisam da língua e do verbo. Sempre são dois os caminhos vislumbrados, use e abuse dos **verbos bitransitivos**, ou seja, dos verbos que necessitam de dois objetos: o objeto direto e o objeto indireto. Verbos como: *avisar, expor, enviar, comunicar, dar, dentre outros*. Por falar em certos verbos, nas Minas Gerais, do então governador Mello Viana, há uma anedota do Barão de Itararé, com Mário Rodrigues – pai de Nelson Rodrigues – e a oportuna fuga do jovem Carlos Lacerda para Uberlândia. Foram vividas em outras manhãs e em outras paragens – acompanhando a felicidade livre do sanhaçu-azul.

¹ Cf. BRITO, Luciana. *Presença da Padaria Espiritual na História da Imprensa e das Artes no Ceará*. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 67-86, julho-dezembro, 2012. p. 70/1.

² Disponível no sítio: <https://youtu.be/fyhbVzqaNQY>. Acesso em: 8 ago. 2021.

³ Disponível em: *Jornal de Poesia - Estatutos da Padaria Espiritual*. Acesso em: 8 ago. 2021.

⁴ BELÉM, Euler de França. 40 frases impagáveis do Barão de Itararé. Disponível em: *40 frases impagáveis do Barão de Itararé* | Revista Bula. Acesso em: 8 ago. 2021.

⁵ Todas as referências foram extraídas do livro sobre o Barão de Itararé. Cf. FIGUEIREDO, Cláudio. *Entre sem bater*. A vida de Apparício Torelly, o Barão de Itararé. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. p.114/115.

⁶ *Ibidem*.